

O HOMEM E O MUNDO NA ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA DE ORÍGENES

João Lupi*

SÍNTESE - Orígenes é considerado como o maior dos pensadores greco-cristãos. Do que restou de sua vasta obra pode-se construir uma Antropologia, onde afloram noções fundamentais como corpo, alma e espírito; livre-arbítrio e liberdade; racionalidade e paixões; união do homem e da mulher, vida ética e outros temas mais.

PALAVRAS-CHAVE - Orígenes. Antropologia. Homem. Mundo. Livre-arbítrio. Corpo. Alma. Espírito.

ABSTRACT - Origenes is regarded as the greatest of all Greek Christian thinkers. An anthropology has been elaborated out of what has been left of his work, which abounds in fundamental notions such as body, soul, and spirit; free will and liberty; rationality and passions; the union of man and woman, ethical life and other themes.

KEY WORDS - Origenes. Anthropology. Man. World. Free will. Body. Soul. Spirit.

1 A temática

As observações de Orígenes acerca da condição humana permitem construir uma Antropologia com muitas possibilidades de apresentação. A composição do ser humano em corpo, alma e espírito; o livre arbítrio e a liberdade; a racionalidade; a dialética da luta da vida humana; a espiritualização e a vida moral; a união do homem e da mulher, e o amor - todos são temas fecundos, que demandariam muito tempo para estudar.

Ao expor a situação do homem no mundo escolhemos apenas alguns desses aspectos, sem elaborar um conjunto perfeitamente estruturado, mas antes dirigido a destacar temas que nos pareceram relevantes. Começamos pelo mais amplo, que é o mundo, para depois nele inserir o homem em diversas perspectivas. As perguntas que nos orientam são estas: 1. Como é que o mundo material participa da racionalidade? 2. Como é que o livre arbítrio se insere na ordem do mundo sem a perturbar? 3. Como é que o espírito vive na matéria sem se corromper?

* Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

2 O mundo e sua ordem

O universo material é o reino da multiplicidade; e no entanto nele se revela ainda uma parcela da unidade perdida. É múltiplo, mas sua composição pode ser percebida pela razão humana, o que significa que há nele uma certa unidade ou ordem:

“A primeira coisa que aparece com evidência é que o mundo é composto, na sua variedade e diversidade, pelas naturezas racionais mais próximas do divino, e por diferentes corpos, e ainda pelos animais mudos, as bestas selvagens, as feras, os pássaros, por tudo o que vive nas águas e também pelos diversos lugares, o céu e os céus, a terra, a água, e ainda pelo ar que está entre o céu e a terra, ou pelo que é chamado é éter, e enfim de tudo o que se origina ou nasce da terra” (PA, II, 2, 1).

Ora, continua o autor, qual pode ser a causa da diversidade senão a variedade da queda daqueles que tombaram da unidade e da concórdia iniciais, estado primeiro da criação divina? Se a diversidade e multiplicidade dos seres materiais é uma corrupção do espírito, não é porém um mal em si mesma, e conserva algo da concórdia original.

“Se bem que o estado do universo se componha de funções diversas não se deve compreender que ele esteja em desacordo ou em desarmonia consigo mesmo; mas assim como o nosso corpo é formado de vários membros mas é mantido na unidade por uma alma única, da mesma forma devemos conceber o mundo como um ser animado (um animal) imenso e enorme, governado pelo poder de Deus e pela razão” (PA, II, I, 3).

3 O mundo animado

O mundo não é portanto um conjunto de seres brutos e irracionais onde só os homens seriam os únicos racionais, espirituais e livres. Seguindo uma tradição que estava presente em todas as escolas filosóficas, Orígenes considera os astros como seres animados e racionais, e portanto espirituais. Assim, quando o Salmo 148 convida o sol, a lua e as estrelas a rezar e louvar ao Senhor esse convite deve entender-se à letra, porque de fato o sol e a lua e todos os astros, como seres espirituais que são, obedecem às ordens divinas e rezam louvando ao seu Criador; e Orígenes prossegue:

“Os astros são dotados de livre arbítrio e evoluem (dançam) nos céus para o bem do universo” (A Oração, 7).

Poderíamos perguntar: mas não há perigo de que os astros usem suas livres vontades desordenando o mundo? Não, responde ele:

“Nada pode fazê-los sair do seu curso, tão benéfico para o universo, porque eles possuem uma alma fortalecida pela razão, afastada da má influência das impressões, e usando um corpo etéreo e purificado” (id., *ibid.*).

Por conter em si mesmo o espírito de tantos seres, e por ser no conjunto um imenso ser animado, é que o universo, todo ele, participa da racionalidade e da espiritualidade que lhe conferem ordem e dignidade: “todos os lugares são parte do universo, e o mundo todo é um templo de Deus” (*Contra Celso*, VII).

4 O homem

Quanto à Antropologia haverá que primeiro entender a estrutura interna do ser humano e as relações no seu interior; neste ponto seguiremos o P. Crouzel no seu esquema: corpo, alma, espírito tal como o explica em diversos lugares. Outros aspectos importantes da concepção de Orígenes acerca da condição humana são: o amor, as relações homem-mulher, e os fundamentos do comportamento moral – livre arbítrio e racionalidade. Haverá que ter em conta por um lado que esta apresentação, embora sugestiva, é apenas introdutória, e por outro lado que ela só pode ser plenamente entendida num contexto teológico que apenas podemos lembrar e esboçar.

Neste último contexto o homem é antes de mais imagem de Deus, ou mais exatamente *conforme à imagem de Deus* que é o *Logos*; mas não é o corpo, nem o composto corpo e alma, que é imagem de Deus – pois Orígenes repete incansavelmente que Deus, e só Deus, é puro espírito, e portanto o que é material não pode ser sua imagem senão indiretamente; mas é apenas o homem interior que reflete o *Logos*. É quando se aperfeiçoa que a alma assume os traços divinos – e então o próprio corpo se torna num templo de Deus (*Contra Celso*, VI).

5 Pneuma

O termo *pneuma* corresponde ao *spiritus* latino e ao *ruah* hebraico e podemos traduzi-lo por *espírito*. Ele é completamente imaterial: é o elemento divino no homem; é um dom divino, mas está em todos os homens, mesmo naqueles que permanecem no pecado; nestes o espírito não abandona o homem, mas fica como que adormecido ou entorpecido pelo pecado... É o pedagogo da alma, e particularmente da inteligência e da virtude; nele reside a consciência moral, e por isso é o espírito que conduz a alma na prática das virtudes.

Como dom divino que é, pode ser retirado quando o homem de certa forma se desumaniza, quando é condenado ao inferno, pois para aí não pode ir o elemento divino.

6 Psique

Ou *psyché*, corresponde no latim a *anima*, que traduzimos por *alma*. É incorpórea, mas está sempre unida a um corpo. É a sede do livre arbítrio e da personalidade, espiritualizada pelo espírito (pneuma) se se deixar conduzir por ele, e sendo assim é a fonte da vida moral e virtuosa. Constantemente, em suas obras, Orígenes relaciona a vontade livre com a razão:

“A razão é a capacidade de discernir e julgar as representações e tendências, reprovando e recusando umas e aprovando e acolhendo outras, a fim de que possam ser dirigidos pela razão para uma vida digna todos os movimentos do homem” (*Peri Arxon*, III, 1, 3).

E continua: a mesma faculdade que distingue o bem do mal é a que escolhe o que aprovou – portanto razão e livre arbítrio são dois aspectos da mesma faculdade. Nesse caso não haverá conflito entre razão e liberdade, como ele explicou também a propósito da ordem do mundo.

Orígenes distingue dois aspectos ou níveis na alma: um superior e outro inferior. O superior é por ele referido como *hegemonikon*, e traduzido no latim por *principale*, (*cordis, mentis, animae* dos estóicos); ou então por *kardia* que corresponde à tradição hebraica de traduzir ou referir-se ao coração como a melhor parte da alma. De modo geral, a parte superior da alma corresponde ao *nous* ou *mens* dos platônicos.

A parte ou nível inferior da alma é a tendência a deixar-se carnalizar; é o princípio das paixões, o sentido da carne, ou é a própria carne como força que atrai a alma para o corpo; este lado inferior da alma não deve ser destruído, mas espiritualizado.

A alma é portanto um certo intermediário entre o espírito e o corpo, e por isso tem características de algum modo materiais, como a possibilidade de mudar e modificar-se; é aí que reside a possibilidade da educação, já que a inteligência cresce pelo exercício:

“A força do engenho se agudiza pelos estudos e exercícios; o desenvolvimento das faculdades inatas excita-se para entender; aumenta-se a capacidade de compreensão, que não cresce com o corpo, mas é aperfeiçoada pelo exercício no estudo” (*Peri Arxon*, I, 1, 6; todo o item 7 desenvolve a espiritualidade da alma e o objeto da inteligência).

Assim Orígenes tem o cuidado de advertir que a alma não cresce com o corpo porque não é tão material como ele; mas de alguma forma cresce como o corpo, pelo exercício. Aliás, diz ele noutra passagem (*Contra Celso*, IV) essa possibilidade de crescimento intelectual tem seu ponto de partida na indigência de nossa condição humana ao nascer, que nos obriga a criar técnicas para nos alimentarmos e protegemos.

7 Soma

Em latim *corpus*, que traduzimos por *corpo*. Está em todas as criaturas, porque só Deus é absolutamente incorpóreo. Uma vez que foi criado por Deus, o corpo é bom, é sagrado pois reflete a imagem divina da alma (Crouzel, *L'Anthropologie*, 130, 133-141) mas pode ser um empecilho (*Exortação*, 76). O corpo é como que a imagem física da alma: nele está de modo material o que na alma é imaterial; por isso existem analogias, que permitem inúmeros *antropomorfismos corporais* (Crouzel, *ibid.*, 188) aplicados à alma humana, e em particular à doutrina dos cinco sentidos espirituais.

Como os platônicos diz ele que somos seres espirituais caídos na matéria que nos torna mais obtusos e dificulta o entendimento espiritual; inversamente nos tornamos mais humanos quando nos distanciamos da matéria (*Peri Arxon*, I, 1, 5). Um exemplo dessa dependência da matéria é que, quando somos muito pequenos a fragilidade dos membros, não ajuda o desenvolvimento intelectual completo (*ibid.*). De forma semelhante ele diz que a capacidade intelectual não varia com os lugares, e mudando de lugar será sempre a mesma: o lugar não aumenta nem diminui a capacidade da inteligência; mas o nosso corpo sim, e por isso as perturbações do corpo, como o medo, prejudicam a ação da mente (*Peri Arxon*, I, 1, 6).

8 Matéria e corpo

A matéria é o princípio que está na base das transformações que sofrem os corpos (*Peri Arxon*, II, 1, 4) e determina-se pelas qualidades. É nessa determinação da matéria que os corpos se distinguem e são diferentes uns dos outros. A matéria é informe, e se não houver uma qualidade que a determine, não subsiste. O mundo da matéria e dos corpos em si mesmo não é capaz de inteligência, mas está feito com ordem e bem arquitetado (*Peri Arxon*, I, 1, 4). Do ponto de vista metafísico há pois algo entre a matéria informe e os corpos: as qualidades – seco, úmido, frio e quente – e os elementos: água, terra, ar e fogo. Assim, não só Orígenes nos apresenta algo como uma gradação na materialidade (e nisso ele apenas transpõe para o cristianismo doutrinas comuns da Antigüidade) como também uma gradação na espiritualidade, uma vez que a matéria tem capacidade de unir-se a toda espécie de espíritos, com exceção de Deus: só Deus sendo espírito puro, a matéria está presente em todos os seres, não só nos astros que são os mais perfeitos e inteligentes dos corpos cósmicos, mas também nos anjos e nos corpos ressuscitados. A matéria perde assim o sentido de *castigo do espírito* para se tornar na possibilidade física de os corpos se diversificarem.

Contudo nem a gradação na materialidade, nem a ausência de castigo eliminam a distinção clara entre os seres racionais e os irracionais: o homem pode elevar-se até aos anjos porque uns e outros são racionais, mas não pode decair até aos animais; até aos anjos podem elevar-se os mais perfeitos, os que se tornam filhos da luz e da paz, os que mortificaram o corpo e se uniram ao Senhor; os decaídos são os que se envolvem no pecado; mas nada nos permite dizer, adverte ele, que as almas humanas possam decair até se precipitar nos corpos dos animais e das bestas (*Peri Arxon*, I, 8, 4). Ou seja Orígenes refuta completamente – apesar de interpretações em contrário feitas sobre outras passagens de obras suas – a possibilidade da metempsicose ou metematomose.

9 Conhecimento

Conhecer é participar da sabedoria divina, como imagem. Quem conhece é o homem todo, e não a inteligência racional formal, que é só uma parte do ser humano.

Sendo imagem feita à semelhança da imagem primeira de Deus que é Cristo, o homem se parece com Aquele que é seu exemplar. Mas como Deus é o exemplar do mundo e das coisas do mundo que Ele criou, em Deus o homem tem semelhança com todos os seres, e pode conhecê-los. O mundo e os seres sensíveis são imagens das realidades divinas, e ao conhecê-las o homem tem um outro acesso à revelação de Deus que está no mundo. Ao conhecer as coisas do mundo o homem conhece as idéias divinas que elas refletem, e que as criaram. Essas idéias divinas são os mistérios; e se os seres sensíveis em parte refletem os mistérios, e em parte são insuficientes para representá-los completamente, também o alcance que o homem tem do conhecimento dos mistérios divinos é incompleto, mas verdadeiro enquanto que pode alcançá-los. Como ponto de partida do conhecimento dos mistérios os seres sensíveis são pois enigmas e sombras (*skia*) mas também símbolos e figuras (*typos*) e certamente são imagens (*eikona*) (Crouzel, *L'Anthropologie*, cap. VI, 151).

10 Amor

Orígenes inaugura na espiritualidade cristã um tema que antes dele teve sugestões mas não doutrinas nem modelos: “a relação pessoal de amor entre o fiel e Cristo” (Crouzel, 171). Orígenes espiritualiza e transfere para essa união todo o seu temperamento apaixonado, e a sua própria personalidade: amável, amigo dos amigos, afetuoso, mas também entusiasta e emotivo até à paixão. Nessa sublimação do sensível e na teorização de si mesmo, Orígenes apresenta uma doutrina do amor como traço essencial da humanidade. E será o amor no sentido mais estrito da palavra, aquele entre a mulher e o homem, o amor dos noivos e dos recém-casados, que se tornará o paradigma principal dessa doutrina: é por isso que o comentário ao livro do *Cantar dos Cantares* tem sido uma de suas obras mais lidas, traduzidas, apreciadas e influentes em todo o pensamento cristão e na própria interpretação da Sagrada Escritura – de que esse Comentário é um dos máximos expoentes. O Esposo e a Esposa, Cristo e a Igreja, Cristo e a alma cristã, constituem temas tão entrelaçados que freqüentemente se mostram indistintos.

Segundo esta doutrina, se a idolatria é como uma infidelidade do matrimônio espiritual, a infidelidade carnal seria por sua vez uma idolatria do corpo.

Sem dúvida distinguem-se vários graus e tipos de amor, mas sempre o amor entre o homem e a mulher é o padrão e a imagem sensível, porque mesmo quando é o amor carnal ordenado à reprodução é algo que Deus criou.

“Da mesma maneira que existe um amor dito carnal, que os poetas chamaram Eros, e quem ama segundo ele semeia na carne, assim também existe um amor espiritual, e o homem interior, ao amar segundo ele, semeia no espírito. Para ser mais claro: se há alguém que ainda é portador da imagem do homem terreno segundo o homem exterior, a esse movem o desejo e o amor terrenos; ao portador da imagem do homem celeste, pelo contrário, movem-no o desejo e o amor celestes” (*Comentário ao Cântico dos Cânticos*, Prólogo, 2, 16).

Porém a leitura da Bíblia e das passagens em que se fala do amor entre homem e mulher convence Orígenes de que o amor mesmo carnal, entre marido e mulher, ou entre um homem e uma mulher que sentem atração um pelo outro, é uma coisa boa – como poderia aliás ser má, se simbolizam o amor de Cristo pela sua Igreja, e o amor do cristão por Cristo? (*ibid.*, 2, 20-25) ou como diz mais adiante “o amor é com certeza coisa de Deus e dom seu” (*ibid.*, 38-39) embora às vezes os homens o usem mal, como quando amam o dinheiro, ou uma prostituta – estes são amores desviados da razão; é impossível, continua, “que alguém que já atingiu a puberdade não esteja sempre amando alguma coisa [...] E este sentimento do amor, que por favor do Criador ficou entranhado na alma racional, alguns o desviam para o amor do dinheiro, etc.”

11 A mulher e a condição feminina

Orígenes recebe a interpretação da relação homem-mulher de diversas simbologias bíblicas e de doutrinas neoplatônicas; mas a tradição patriarcal judaica e helênica faz com que essa interpretação se faça no claro sentido do domínio do homem sobre a mulher. É a doutrina que se pode esperar do contexto social e

cultural em que ele vivia. E contudo o que acima dissemos acerca do amor pode matizar de forma interessante as opiniões do autor. Para não subsistirem dúvidas, vejamos primeiro algumas frases mais explícitas sobre a posição, digamos *menos espiritual* das mulheres: “As mulheres simbolizam a carne e os afetos do corpo, enquanto o homem é o sentido racional e o espírito inteligente” (*Homilias sobre o Êxodo*, II, 1).

“Quando se diz que o Faraó manda que se deixe com vida as filhas (dos hebreus) isso quer dizer que ele quer que continuem os vícios, se pregue a luxúria, e se alimentem os pecados” (*ibid.*, 2 e 3).

Não há dúvida que por estas passagens não são algumas mulheres, mas a *mulher* que é símbolo e representação do pecado, do vício, e em particular dos excessos sexuais. Orígenes não faz mais do que continuar a tradição bíblica que colocou Eva como a incitadora ao pecado. Mas ele não diz que as mulheres são luxuriosas e pecadoras e os homens não, mas que elas representam para os homens ocasião de pecado. Já veremos que esta hipótese tem fundamento, mas por enquanto é certo que Orígenes não faz bom conceito das mulheres, porque ao explicar o que significa *compreender no íntimo da alma* (ou: *conceber no coração*, Ex 35, 5) adverte: quem vive pensando nos negócios e nos lucros não pensa em seu coração, e da mesma forma as mulheres:

“como podem elas compreender as coisas no interior da sua alma se conversam tanto, se distraem tanto conversando que não deixam haver silêncio? Como vão poder olhar sua alma, seu coração, se só pensam nos filhos, na roupa e nos afazeres domésticos?” (*Homilias sobre o Êxodo*, 13, 3).

Uma acusação de misoginia contra Orígenes prejudicaria o entendimento da sua antropologia do amor; mas a acusação desaparece se repararmos que ao longo de suas obras ele denuncia pecados e imperfeições de um modo tal que certos defeitos são indicados como mais próprios das mulheres, e outros mais freqüentes nos homens; estes incorrem por exemplo na avareza, na ambição de fama e de poder – coisas graves e que não são próprias das mulheres, já que elas ficam restritas à vida doméstica; e tais limites determinam comportamentos que incomodam ou prejudicam os homens e a elas mesmas, como é o tagarelar, o preocupar-se com coisas que para os homens são insignificantes, e o atrair os homens para a vida íntima. Mas, convenhamos, nesta ótica de Orígenes, coube às mulheres uma parcela menor de pecados no mundo.

12 O mundo e a ação humana

O homem é parte do mundo, do universo, e ligado ao conjunto, mas não dependente dele conforme imaginam os que conferem aos astros o poder de dirigir as ações humanas; talvez haja, aceita Orígenes, influência dos astros nas nossas vidas, mas não nos determinam: somos parte do mundo mas não somos sujeitos a ele porque dispomos de livre arbítrio (*Peri Arxon*, I, Prefácio). Mas como se insere então a nossa vontade na ordem do mundo que ele tão admiravelmente descreve?

“Com a arte inefável da sua sabedoria, Deus transforma e restaura todas as coisas de tal maneira que elas se produzem para utilidade e benefício comum do todo: essas mesmas criaturas, tão distantes umas das outras pela diversidade das suas mentalidades, Ele as conduz a um acordo único, nas suas atividades e nas suas intenções, para completar, apesar da diversidade dos movimentos e das inteligências, a perfeição de um mundo único, e dirigir a variedade das inteligências para um só fim perfeito” (*Peri Arxon*, II, 1, 2).

Ora que o Criador organize o mundo todo de tal modo que cada ser se insira numa ordem e contribua para a ordem comum é algo que muitas filosofias e teologias da Antigüidade já tinham definido; mas subsistia sempre a pergunta: como é que o livre arbítrio dos seres racionais não perturba o mundo? Responde Orígenes que Deus, Pai do universo, para salvar todas as suas criaturas:

“Dispôs todas as coisas de tal maneira que nenhum espírito, inteligência, ou ser racional subsistente [...] não seja constrangido a fazer outra coisa a não ser o que lhe ordena a sua inteligência [...] organizando os movimentos diversos das suas intenções com oportunidade e utilidade para assegurar o acordo dum mundo único; e assim entre os seres racionais uns têm necessidade de ajuda, outros podem ajudar [...]” (*Peri Arxon*, II, 1, 2).

Se perguntarmos agora como é que se compatibiliza o livre arbítrio dos homens com o fato de eles não perturbarem a ordem do mundo, Orígenes responderá ainda:

“Deus com certeza sabia de que modo haveria de ser a liberdade da nossa vontade, antes ainda de ela ser formada junto com todas as outras coisas que haveriam de vir a ser desde a criação e fundação do mundo. E em todas as coisas que Deus prepara segundo o que conhece de cada uma das nossas ações livres, de acordo com elas ordenou tanto aquilo que iria resultar da sua Providência como aquilo que iria acontecer na seqüência dos acontecimentos. Mas o fato de Deus conhecer o que (para nós) é futuro não é causa de tudo o que acontece nem dos efeitos que se seguem às ações livres resultantes dos nossos impulsos. Porque mesmo supondo que Deus não soubesse o que iria acontecer, nós não deixaríamos de fazer o que iríamos fazer. Porém, como resultado do conhecimento divino (acerca do futuro) as ações livres de todos os homens se harmonizam com o mundo e contribuem para a disposição do conjunto que é necessária para a existência do universo” (*A Oração*, 6, 3).

Mas há ainda outro argumento: a liberdade humana não pode perturbar o mundo porque ela – como constitutivo essencial da humanidade – é a finalidade e objetivo do universo: o mundo foi criado para o homem, e não para os animais e as plantas como dizem Celso e seus adeptos. Se os animais e plantas recebem benefícios do mundo é como resultado secundário, ou como restos do que é para os humanos; e dá um exemplo: nos mercados os fiscais verificam a qualidade dos alimentos para que só os bons alimentem os humanos, e os impróprios são distribuídos aos animais, mas nem por isso se diz que os fiscais vão aos mercados para alimentar os cães (*Contra Celso*, IV, Clemente 88).

13 As relações corpo-alma e homem-mundo nos descaminhos da razão ocidental

A nossa cultura chegou a uma clarificação do mundo que simplificou e tornou evidente não só a constituição do homem e do mundo, como a relação entre ambos. Chamamos a isso racionalização da concepção científica do mundo. O iluminismo e as doutrinas predominantes até ao século XX levaram esse racionalismo e esse cientificismo a conseqüências que nos aterraram, porque destruíram o homem ao simplificá-lo: existe corpo e alma, e estão em conflito; existe matéria e espírito, e são opostos; existe paixão e razão, e são mutuamente excludentes. Todas estas dualidades trazem mais algumas que lhes são inerentes: a luta de classes, as raças superiores e as raças inferiores, os desenvolvidos e os subdesenvolvidos, o Norte e o Sul, o intelectual e o analfabeto, a ciência e o senso comum, o campo e a cidade... E quase todas estas dualidades são concebidas como pares de opostos irreconciliáveis: não há meio termo entre comunismo e democracia burguesa, como não há meio termo entre corpo e alma, ou entre paixão e razão. A simplificação do mundo levada a estes extremos tornou-se insuportável, e sempre houve quem discordasse dela.

Felizmente as vozes discordantes nunca se calaram, e cresceram em função de uma multiplicidade de fatores; ora na busca de outros caminhos para a razão ocidental, será sempre mais acessível, e aceitável, procurar nos caminhos perdidos da nossa tradição aqueles que tinham uma visão do homem e das suas relações com o mundo mais complexa e mais flexível.

Cumpriríamos assim uma das funções da História da Filosofia: mostrar à nossa civilização e cultura que muitas das alternativas e idéias para orientar a humanidade estão dentro de nós mesmos – é só buscar no nosso patrimônio intelectual, que as encontramos. E se um dos problemas, talvez cruciais, da crise de convicções, e da desilusão acerca do Ocidente é a simplificação racionalista que destruiu uma parte do nosso mundo, pode ser que no estudo de concepções mais matizadas do pensamento ocidental encontremos sugestões estimulantes. E precisamente o que nos admira em Orígenes é essa visão variada da realidade humana e da composição do cosmo, que dá muito mais maleabilidade às relações entre o homem e a natureza.

Referências bibliográficas

DE ORÍGENES

Os Princípios (Peri Arxon)

ORIGEN: *De Principiis*. Ed Roberts/Donaldson/Coxe. Hendrickson, Peabody, 1995, n. 4, 239-384

ORIGÈNE: *Traité des Principes*. Trad. Henri Crouzel/Manlio Simonetti. Paris, les Éditions du Cerf, 1978-1984, 5 v. Sources Chrétiennes n. 252, 253, 268, 269, 312.

Contra Celso

ORIGÈNES: *Contra Celso*. Trad. Intr. notas Daniel Ruiz Bueno. Madrid, BAC, 1967.

ORIGÈNE: *Contre Celse*. Intr., texto, trad., notas: Marcel Borret. Paris, Les Éditions Du Cerf, 1967-1976, Sources Chrétiennes: 132, 136, 147, 150, 227.

Homilias sobre o Gênesis

ORIGÈNE: *Homélie sur la Genèse*. Texto, trad. notas Louis Doutreleau; intr. Henri de Lubac. Paris, Les Éditions du Cerf, 1985. Sources Chrétiennes 7 bis.

Homilias sobre o Êxodo

ORÍGENES: *Homilias sobre el Êxodo*. Trad. Ángel Castaño Felix. Intr., not, Maria Ignazia Danieli. Madrid, Ed. Ciudad Nueva, 1992.

Comentário ao Cântico dos Cânticos

ORÍGENES: *Comentario al Cantar de los Cantares*. Trad. Argimiro Velasco Delgado. Intr., not. Manlio simonetti. Madrid, Ed. Ciudad Nueva, 1994.

A Oração

ORIGEN: *Prayer*. Trad., intr. Rowan A. Greer. Nova Iorque, Paulist Press, 1979, 81-170.

Exortação ao Martírio

ORIGEN: *Na Exhortation to Martyrdom*. Trad., intr. Rowan A. Greer. Nova Iorque, Paulist Press, 1979, 41-79.

Antologia

FERNANDEZ, Clemente: *Los Filósofos medievales. Selección de textos*. v. I, Madrid, BAC, 1979, 71-97.

COMENTÁRIOS

CROUZEL, Henri: *L'anthropologie d'Origène: de l'archê au telos*. Archê et telos, 36-57.

CROUZEL, Henri: *Orígenes. Un teólogo controvertido*. Trad. Monjas Benedictinas de la Abadía Santa Escolástica de Victoria, BA. Madrid, BAC, 1998.